



## EM TODOS NÓS

Não podes negar que tiveste o Espírito ferido, nos dias que se foram, em situações desagradáveis, das quais te ficou na memória a figura de alguém por presença difícil. Daí não se infere que devas carregar no coração o retrato desse alguém conservado em vinagre.

Importa reconhecer que renovação e entendimento são cultiváveis no solo da alma, como acontece a qualquer vegetal nobre que não prescinde da cuidadosa atenção do agricultor.

Estabelecido esse princípio, podemos iniciar o trabalho da rearmonização, imaginando que depois das situações desagradáveis, a que nos reportamos, é provável tenhamos ficado na lembrança da criatura categorizada por nós, na condição de presença difícil, como sendo uma presença mais difícil ainda. Desse reconhecimento, será justo partir para a supressão definitiva do mal, afinando as cordas do sentimento pelo diapasão da tolerância, a fim de que não venhamos a falhar na execução da parte que nos compete, na orquestra da fraternidade humana, de que Jesus é para nós o Dirigente Perfeito.

Nesse sentido, vale refletir na presença dele, o Senhor, em nosso campo íntimo.

De ensinamento a ensinamento e de bênção em bênção, sem percebermos o mecanismo de semelhante metamorfose, o coração se nos transforma, se lhe aceitamos, em verdade, a liderança e a tutela. Sombras de mágoas, preconceitos, ressentimentos, pontos de vista e opiniões descabidas vão cedendo lugar, na floresta de nossos pensamentos obscuros, a clareiras de luz que acabam por mostrar-nos a infantilidade e a inconveniência das nossas atitudes menos felizes, à frente do próximo.

Convençamo-nos de que o Cristo de Deus, que opera benditas renovações no templo de nossa vida interior, realiza esse mesmo trabalho no âmago dos outros. Diante, assim, de nossos adversários, sejam eles quais forem, indiscutivelmente não será razoável adotar irresponsabilidade ou bajulação para com desequilíbrio ou leviandade, sob o pretexto de se estabelecer a concórdia, mas conservemos respeito e simpatia, orando por eles e abençoando-lhes a existência, na certeza de que o Senhor está agindo no coração deles e operando em silêncio, nas entranhas de nossa alma, renovando-nos e aprimorando-nos, de modo a que hoje, aqui, amanhã, mais tarde ou mais além, venhamos a reunir-nos todos, na posição de filhos de Deus, sem tísia de separatividade ou melindre, para trabalharmos, integrados finalmente uns com os outros, na construção do Reino do Amor.

*Emmanuel*

Do livro: *Encontro Marcado*.

Psicografia: *Francisco C. Xavier*

### ESTUDO: O Livro dos Espíritos - Cap. I - Segunda Parte - "Dos Espíritos", itens 128 a 131

#### ANJOS E DEMÔNIOS

**128.** Os seres que chamamos anjos, arcanjos, serafins, formam uma categoria especial, de natureza diferente dos outros Espíritos?

“Não; são os Espíritos puros: os que estão no mais alto grau da escala e reúnem todas as perfeições.”

A palavra anjo desperta, geralmente, a ideia da perfeição moral; todavia, ela é aplicada, frequentemente, a todos os seres, bons e maus, que estão fora da Humanidade. Diz-se: o anjo bom e o anjo mau; o anjo da luz e o anjo das trevas; neste caso, ela é sinônimo de espírito ou de gênio. Nós a tomamos, aqui, na sua melhor acepção.

**129.** Os anjos percorreram todos os graus da escala?

“Percorreram todos os graus, mas como já o dissemos: uns aceitaram suas missões sem murmúrio e chegaram mais depressa; outros levaram um tempo mais ou menos longo para chegar à perfeição.”

**130.** Se a opinião que admite seres criados perfeitos e superiores a todas as outras criaturas é errônea, como se explica que ela esteja na tradição de quase todos os povos?



“Fica sabendo que teu mundo não existe de toda a eternidade e que, muito tempo antes que ele existisse, Espíritos já haviam atingido o grau supremo; então, os homens acreditaram que eles sempre tivessem sido dessa forma.”

**131.** Há demônios, no sentido que se dá a esta palavra?

“Se houvesse demônios, seriam obra de Deus. E Deus seria justo e bom tendo criado seres eternamente votados ao mal e desgraçados? Se há demônios, eles residem no teu mundo inferior e em outros semelhantes. São esses homens hipócritas que fazem de um Deus justo, um Deus mau e vingativo e que acreditam agradá-lo pelas abominações que cometem em seu nome.”

A palavra demônio só implica a ideia de Espírito mau, na sua acepção moderna, pois a palavra grega *daímon*, da qual ela derivou, significa gênio, inteligência e se referia aos seres incorpóreos bons ou maus, sem distinção.

Os demônios, conforme a acepção vulgar da palavra, supõem seres essencialmente maléficos; eles seriam, como todas as coisas, criação de Deus. Ora, Deus, que é soberanamente justo e bom, não pode ter criado seres predispostos ao mal, pela sua própria natureza, e condenados pela eternidade. Se não fossem obra de Deus, existiriam, portanto, como ele, de toda a eternidade, ou, então, haveria várias potências soberanas.

A primeira condição de qualquer doutrina é ser lógica; ora, a dos demônios, no sentido absoluto, peca por esta base essencial. Concebe-se que na crença dos povos atrasados que, não conhecendo os atributos de Deus, admitem divindades malfazejas, admitam-se, também, demônios; mas, para quem quer que considere a bondade de Deus um atributo por excelência, é ilógico e contraditório supor que ele tenha podido criar seres votados ao mal e a praticá-lo perpetuamente, pois isto é negar-lhe a bondade. Os partidários dos demônios apoiam-se nas palavras do Cristo; certamente não seremos nós que contestaremos a autoridade de seus ensinamentos, que gostaríamos de ver mais no coração do que na boca dos homens; mas, será que se tem certeza do sentido que ele dava à palavra demônio? Não se sabe que a forma alegórica constitui uma das marcas distintivas de sua linguagem? E se deve tomar ao pé da letra tudo o que o Evangelho contém? Não precisamos de outra prova, senão a desta passagem:

*“Logo após esses dias de aflição, o Sol se escurecerá e a Lua não dará mais a sua luz, as estrelas cairão do céu e as potências do céu ficarão abaladas. Digo-vos, em verdade, que essa raça não passará, senão quando todas estas coisas se tiverem cumprido.”* Não temos visto a forma do texto bíblico ser contestada pela Ciência, no que toca à criação e ao movimento da Terra? Não pode ser da mesma forma com algumas figuras empregadas pelo Cristo, que devia falar de acordo com os tempos e os lugares? O Cristo não pode ter dito, conscientemente, uma coisa falsa; se, portanto, nas suas palavras, há coisas que parecem chocar a razão, é que não as compreendemos, ou as interpretamos mal.

Os homens fizeram com os demônios o mesmo que fizeram com os anjos; assim como acreditaram em seres perfeitos desde toda a eternidade, tomaram os espíritos inferiores como seres perpetuamente maus. A palavra demônio deve, portanto, compreender os Espíritos impuros que, frequentemente, não valem mais do que aqueles designados sob esse nome, mas com a diferença de que o estado deles é apenas transitório. São Espíritos imperfeitos que reclamam contra as provas que experimentam e que, por isso, suportam-nas durante mais tempo, mas, que conseguirão vencer, por sua vez, quando tiverem vontade. Poder-se-ia, portanto, aceitar a palavra demônio com esta restrição; porém, como ela é entendida, atualmente, num sentido exclusivo, poderia induzir a um erro, fazendo crer na existência de seres especiais criados para o mal.

Com relação a Satã, ele é evidentemente a personificação do mal sob uma forma alegórica, pois não se poderia admitir um ser mau que lutasse, de igual para igual, com a Divindade e cuja única preocupação fosse a de contrariar-lhe os desígnios. Como são necessárias ao homem figuras e imagens, para impressionar-lhe a imaginação, ele pintou os seres incorpóreos sob uma forma material, com atributos que lembram suas qualidades ou seus defeitos. Foi assim que os antigos, querendo personificar o tempo, pintaram-no, sob a figura de um ancião com uma foice e uma ampulheta; uma figura de um jovem teria sido um contrassenso; acontece o mesmo com as alegorias da fortuna, da verdade, etc. Os modernos representaram os anjos, ou puros Espíritos, sob uma forma radiosa, com brancas asas, emblema da pureza; Satã, com chifres, garras e os atributos da bestialidade, emblemas das paixões vis. O vulgo, que toma as coisas ao pé da letra, viu, nesses símbolos, indivíduos reais, como, outrora, vira Saturno, na alegoria do Tempo.